

# Echos de Guimarães

Director, João Rocha dos Santos  
Editor e administrador, Thomaz Rocha dos Santos  
Redacção e administração,  
38, Praça D. Affonso Henriques, 39 (Toural)

SEMANARIO MONARCHICO

Propriedade da Empresa  
DOS  
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## O atheismo e a guerra

Quando o soldado vae para a guerra, o que tem mais provavel é a morte. Não ha guerra, por breve e pequena que seja, onde não haja mortes. Ora, se o soldado não crê numa vida futura onde o cumprimento do seu dever seja devidamente remunerado, d'onde tirará elle o alento, a coragem, a abnegação de que precisa para se sustentar no mais acceso do combate?

Como facilmente se comprehende, é já uma heroicidade desprender-se da mulher e dos filhos a quem ama ternamente, dos paes e dos irmãos a quem o prendem os mais affectuosos liames, da terra onde nasceu, cresceu e se fez homem. E os governos incredulos, como o nosso e o de França, que promettem aos soldados que sacrificam a vida no campo de batalha?

Uma recompensa além da morte não lha podem prometter, porque não creem na sobrevivencia da alma. E assim o soldado que cumpre o mais heroico, o mais nobre e o mais sublime de todos os seus deveres, dando a vida em defesa da sua bandeira, fica sem recompensa.

E' esta a mais fatal e a mais desesperadora consequencia do atheismo, de que os nossos governantes tanto se gloriam.

Mas, dirão os incredulos para defender a sua desesperançada doutrina, os soldados que morrerem na guerra terão as homenagens da patria e os louvores da historia. E que aproveitarão essas homenagens e esses louvores a homens que já não existem?

De modo que não se pode comprehender que um soldado seja valente, destemido, arrojado, se não tiver a sustentá-lo a esperanza de que, não sendo galardoado o seu valor neste mundo, sê-lo-há no outro.

Emquanto o soldado vê a morte ao longe, mal divisada no seu horror nativo; emquanto não ouve zunir-lhe aos ou-

vidos as balas mortiferas que não respeitam valente nem cobarde; emquanto não vê cair a seu lado exanimos os seus companheiros; emquanto não sente bem perto o perigo de num instante cair prostrado sem vida, pode animar-se com a esperanza da victoria, com as recompensas que colherá depois do combate; mas quando vir a morte negra e pavorosa dançar-lhe deante dos olhos, tocar-lhe já com a sua foice devastadora, estender-lhe os braços para o empolgar, apertá-lo por todos os lados como um circulo de ferro, então custa-me a crer que o soldado ainda se alente com as promessas d'esta vida. E visto que os incredulos não podem dar nem prometer uma recompensa depois da morte, não cometem elles a mais revoltante das tyrannias compellindo e arrastando para a carnificina d'um combate a homens na flor da idade, no pleno vigor da vida, quando começam a libar os prazeres da existencia e os sonhos d'uma grande felicidade lhes enchem a imaginação?

Mais outra consequencia apavorante e desoladora do atheismo: arranca do coração do homem a esperanza d'uma immortalidade beatifica e quando elle mal começa a saborear a felicidade temporal, manda-o para a chacina.

O atheismo é um grande absurdo no estado, na familia, na sociedade, e as suas consequencias metem horror; mas onde elle é mais absurdo é num soldado.

O soldado atheu que proceda de harmonia com as suas ideias, forçosamente ha de ser um mau soldado.

E por aqui se veem as tremendas responsabilidades d'aquelles que, devendo conservar sempre bem vivo no soldado o sentimento religioso que é o melhor estimulo para o cumprimento do seu dever, envidam todos os esforços para lho amor-

tecer e erradicar, como se nelle estivesse um empeco da disciplina. São os peores inimigos da patria.

P. A.

## NOTAS

Confrontos

O governo francez, reunido num dos ultimos dias sob a presidencia de Poincaré, negou-se a attender a representação de milhares de pessoas que lhe pediam a instituição de preces officiaes, sob o pretexto de que a lei não admittê a intervenção de poderes publicos nas manifestações do culto.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos que não está em lucta, espontaneamente pede as orações de todos os crentes para que termine quanto antes a guerra, como pode vêr-se na mensagem abaixo transcripta:

«Attendendo a que as grandes nações do mundo estão neste momento em armas umas contra as outras e que a guerra atira todos os dias milhões de homens para um sacrificio terrivel que a diplomacia não poude até agora, evitar;

attendendo a que, nesta circumstancia como em todas as semelhantes, é nosso privilegio e nosso dever procurar conselho e auxilio junto de Deus Todo Poderoso, humilhando-nos deante d'Elle, confessando a nossa fraqueza e a incapacidade natural da nossa intelligencia para acontecimentos de tamanha magnitude; e

attendendo ainda a que o povo dos Estados Unidos deseja, especialmente, e com ardor, servir a causa da Paz pela oração;

eu Woodrow Wilson, Presidente dos Estados Unidos da America, determino que no proximo domingo, 4 de outubro, sejam feitas preces e supplicas, para as quaes peço a comparencia de todos os crentes. Que todos nesse dia, enviem as suas orações ao Todo Poderoso a fim de que Elle tenha piedade dos governantes e dos governados, e indicando-lhes, na Sua Divina Misericordia o caminho da concordia e da paz sem as quaes são infructiferos todos os ensinamentos do Bem.

Suppliquemos tambem a Deus o perdão dos nossos peccados, da nossa ignorancia acerca dos Seus Mandamentos santos, da nossa pertinacia no erro e de todas as nossas faltas no cumprimento da Sua Vontade Soberana.

Peçamos-Lhe que nos conduza pelo caminho da obediencia para o Centro de Toda a Sabedoria e nos inspire

pensamentos de purificação para as nossas almas.

Feito na cidade de Washington a 8 de Setembro do anno de 1914 de Nosso Senhor, e 139 da Independencia dos Estados Unidos.

(a) Woodrow Wilson.»

⊕  
Signaes dos tempos

Contam os jornaes que ha dias a snr.ª D. Maria da Conceição, de Figueiró dos Vinhos, foi assaltada quando passava no sitio chamado Valle de Ladrões, por uma quadrilha de bandidos, que aos vivas á *liberdade* a agrediram e violentaram.

A auctoridade administrativa não tratou de descobrir os *heroes* da façanha porque aquella senhora, até á proclamação da republica, havia estado num recolhimento de freiras.

⊕  
Moralidade republicana

Desde o advento da republica tem a vida corrido para certos figurões que a democracia protege.

Num dos seus ultimos numeros a *Lucta*, órgão do snr. dr. Brito Camacho, conta este edificante caso:

Foi mandado para Angola com quatrocentos mil réis por mez, e o direito aos vencimentos que tem, como reformado por incapacidade de serviço, o sr. Marinha de Campos. Parece que vae fazer o recenseamento da população. Isto quer dizer que na burocracia da Provincia não havia quem fizesse este trabalho mediante uma gratificação. Pois 400 mil réis—á antiga, como o escandalo—por mez, é muito mais do que ganham os governadores de Cabo Verde e Guiné. E ha monarchicos que conspiram contra a Republica! Nós é que talvez tenhamos que conspirar, tanto ella se vae parecendo com o antigo regimen!...

O snr. Marinha de Campos, reformado por incapacidade de serviço, apto para ganhar 400.000 réis mensaes em Africa, faz-nos lembrar os bellos tempos em que o chefe democratico estava impossibilitado, por incapacidade tambem, de reger a sua cadeira de direito na Universidade de Coimbra, mas estava apto para exercer a advocacia e arengar nos comicios republicueiros.

Os mesmos moralões de sempre!

⊕  
Crime horrendo

Informa a gazeta onde escreveria o snr. dr. Affonso Cos-

ta se estivesse para isso que em Porto de Moz houve quem partisse o mastro dos paços do concelho para não ser hasteada a bandeira republicana no dia 5 de outubro.

O *Mundo*, que tem protegido e até incitado ao crime, revolta-se indignado contra este *nefando attentado* e pede para o seu auctor os rigores da lei.

Achamos bem: venha a pena de morte e depressa para que a thalassaria espalhada por todo o paiz não siga o exemplo do de Porto de Moz!

## RAIOS X

Vae ser entre nós decretada a belligerancia e, segundo os boatos que insistentemente correm, os seus effeitos principião a sentir-se cá dentro, sendo suspensas as garantias e com ellas os jornaes que se obstinarem em não ler pela cartilha que o illustre *capoeira* tem aberta na dextra.

Se tal acontecer é mais uma infamia a juntar ás muitissimas que nestes quatro annos da graça republicana se teem commettido todos os dias e a todas as horas.

A cordealidade salaia que das terras *di o sabiã* veio a toda a pressa e a toque de caixa tomar a chefia d'essa coisa que nos governa, com o Snr. Freire d'Andrade e tudo, quer á fina força que todos nós sejamos *francezes*, que é como quem diz pelos *francezes*.

Ora nós, pela parte que nos toca, tenha a cordealidade a melhor das paciencias, não podemos ser *francezes*, nem tampouco pelos *francezes*.

Ser *francez*, segundo a gíria popular, é não ter palavra, é dizer que disse onde não disse e que não disse onde disse e nós não somos para essas coisas.

O nosso dilemma é pão, pão, queijo, queijo e porque não gostamos dos *francezes*, não vá a cordealidade obrigar-nos agora a ser *francez* ou pelos *francezes*.

Não se conclua porém d'aqui que estamos a morrer de amores pelos *allemaes*.

Não senhores. Não somos como algumas creaturas que conhecemos que andam a gritar cá por fora contra os *allemaes* e vão para casa esfregar as mãos de contentes quando lêem nos jornaes a noticia de uma victoria por elles alcançada.

Não senhores. Nós dizemos com toda a sinceridade aquillo que sentimos e quando a cordealidade nos collocar no pescoço o barão de crês ou morres, emudeceremos mas não alteraremos o nosso modo de pensar.

Nós não gostamos dos *francezes*. Aborreçemo-los, detestamo-los como se pode aborrecer e detestar uma coisa repellente.

Para nós ver um *francez* é a mesma coisa que ver um lacrau, e quando topamos com algum voltamos a cara com nojo.

Não sabemos se isto que dizemos poderá ainda vir a ser-nos funesto, porque os canudos legislativos que vêm do alto da cor-



dealidade não raro vêm com efeitos retroactivos e por isso são capazes de ainda nos virem a lançar a gramalheira que ha-de nascer, segundo os boatos, da suspensão de garantias.

Mas tenha a cordealidade capoeira das bandas do sabiá paciência; nós é que não gostamos nem podemos gostar dos francezes.

E porque não gostamos, ninguém, nem mesmo o mais sabio e o mais cordeal dos capoeiras, nos pode fazer mudar de opinião.

E não mudamos, creia-o o sympathico e suave cordeal, ainda que isso muito lhe pese.

Não gostamos dos francezes, odiamo-los, temos por elles um asco e um desprezo indescriptiveis.

Tambem não gostamos do cordeal capoeira, para que nega-lo?

Pode o senhor capoeira das terras do sabiá pôr em pratica as suas melhores habilidades de moço de botequim, pode deitar-nos os seus ternos e languidos olhares de safio desesperado, pode manejar o classico chapéu de seda das grandes solemnidades para a esquerda e para a direita, pode fazer tudo quanto lhe der na sua brasileira gana, que não é capaz de nos levar a gostar d'elle nem um momento só.

Nós bem sabemos que incorremos no desagrado de sua cordealidade; nós bem sabemos que estamos em completo desacordo com os desafinados menestres da infernal orchestra que do alto toca para o eterno Zé-Pacovio dançar; nós bem sabemos que com a nossa sinceridade estamos sujeitos ao cutelo da prepotencia cordeal; nós sabemos tudo isso, mas nem por o sabermos somos capazes de alterar o nosso modo de compreender as coisas.

Não gostamos dos francezes, está dito, e não gostamos do cordeal capoeira, tambem está dito.

Venha a gramalheira da suspensão de garantias, venha o barão, venha o cutello, venha tudo quanto a cordealidade quizer.

Não gostamos dos francezes nem do cordeal capoeira.

Não gostamos dos francezes porque, segundo a giria do nosso povo, ser francez e ser um homem sem caracter, sem hombridade e sem palavra, um individuo para quem tudo corre bem desde que pingue para dentro.

E não gostamos do cordeal porque é o mais infimo, o mais insignificante, o mais desqualificado dos francezes.

Alipio Rosado.

## Carta a um socialista

Meu amigo:

Companheiros de infancia, unem-nos ainda laços de uma amizade sincera, apesar de nos encontrarmos em caminhos diametralmente oppostos no campo das ideias.

Tu abraçaste a ideia socialista, uma ideia que te disseram conduzir a humanidade á perfectibilidade e eu, ronçeiro como sou, fiquei-me por cá sem ideia e sem politica, mas tambem sem egoismos e sem ambições.

Não te quero mal pelo passo agigantado que deste no meio acañado em que nos encontramos e se bem que os nossos cerebros estejam em contradição, os laços de coração obrigam-me a endereçar-te hoje esta carta para te dizer o que penso sobre o ideal em que sonhas e porque tanto te tens apaixonado a ponto de pôres de parte certas conveniências que em período normal a tua consciencia reconheceria a necessidade de respeitar.

Tu não és o mesmo homem de outros tempos. Obcecaram-te as leituras libertarias a que te entregas e transtornaram-te a razão

a ponto de te julgares um bom soldado do socialismo, quando na verdade já vaes caminhando progressivamente para mais longe, podendo já seres considerado um regular anarchista de ideias avançadas.

E afinal o socialismo, meu caro, com a organização que em Portugal se lhe tem dado não passa de uma utopia. O que aqui se trata de conseguir não é o socialismo que tem por base a união de toda a humanidade e a communhão de esforços, mas sim a revolução social com todos os seus horrores e todas as suas miserias. O que aqui se pretende não é a reciprocidade entre o capital e o trabalho, é o trabalho que pretende arvorar-se em senhor e escravizar o capital ao qual se deseja impor sem lhe admitir a menor compensação.

O trabalho disse eu, e errei, porque afinal não é o trabalho propriamente dito que se mette na questão social que presentemente se debate no nosso paiz, mas sim a ociosidade, a ambição e a vaidade que com o falso nome de trabalho andam a fazer bravatas pelos comícios e pelas sessões solemnes, desorientando cerebros e provocando tumultos.

Ha socialistas honestos, devemos reconhecê-lo, mas esses são em tão pequeno numero que talvez não encontres cinco por cada cento dos outros.

O socialismo em Portugal seria um desastre muitissimo superior ao que resultou da implantação da republica.

E a proposito, por falar da republica.

Vê tu que caudais de esperanças não corriam por todas as ruas e praças publicas das principaes cidades do paiz nos tempos da propaganda em que ao povo se prometiam mundos e fundos, principalmente ao povo trabalhador, que era a quem elles queriam engodar. Seria um verdadeiro paraiso no dizer dos argutos corypheus do partido republicano. O povo trabalhador libertar-se-hia da sua antiquissima escravidão, a vida seria baratissima, a abundancia de trabalho tomaria proporções admiraveis, a felicidade, emfim, completa e absoluta.

Veio a republica trazida da Ronda da Avenida da Liberdade para o Terreiro do Paço na garupa do cavallo do sr. Machado dos Santos e afinal d'essa mirabolante felicidade ainda não vimos um insignificante atomo a despeito de terem decorrido uns longos quatro annos.

E quem fez a republica não foi o trabalho como vós para ahi apregoaes. O trabalho propriamente dito, esse estava muito socgado na officina ou descansado em casa mui pacatamente e ficou tão surpreendido com o advento da republica como aquelles que nunca tal coisa nem sequer sonharam.

Quem fez a republica não foi o trabalho, foi a ociosidade, o vicio, a vaidade e a ambição.

A republica foi alicerçada num assassinato infame, d'onde jorrou o sangue d'um homem indefez e o d'um innocente. Obra mal principiada como bem podes compreender, que teve o seu inicio em um crime dos mais nefandos que a Historia contemporanea regista.

Não foi o amor da patria e dos seus concidadãos que moveu a maior parte dos homens que fizeram a republica, não. Os que alimentavam esse santo amor, comquanto superiores em qualidade, eram tão inferiores em quantidade que nunca lhes passou pela cabeça tal coisa.

Os outros, aquelles que tinham fome de ouro e queriam encher-se á custa do erario publico; os que nutriam a lunatica esperanza de se tornarem celebridades perante o mundo que os não conhecia, aquelles que queriam viver fosse de que forma fosse, comtanto que não tivessem de trabalhar, esses sim, esses eram

muitos e esses, com o auxilio de grande numero de ingenuos, foram os que fizeram a republica.

O trabalho propriamente dito, aquelle que tem por altar das suas lucubrações a banca da officina, reage e luta quando se vê offendido nos seus direitos, mas ordeiramente, pacificamente até conseguir os seus intentos. Detesta as violencias, abomina o crime, abortece as represalias. Mas a ociosidade, aquella que se mascara com o falso nome de trabalho para illudir os papalvos, essa é capaz de todas as infamias e de todos os crimes porque tem um unico objectivo—viver sem trabalhar—e para o conseguir vae até ás ultimas baixezas. Responsabilisar o trabalho pelo assassinato do malogrado Rei D. Carlos e de seu Augusto Filho seria o mais formidavel dos contrasensos. Todo o trabalhador honesto repudiou tão repugnante crime. Quem o commetteu foi a ociosidade e a ambição.

A prova do que venho expendendo, encontra-se cabalmente demonstrada nos factos que se seguiram á implantação da republica.

Não vimos como era de esperar, os que a fizeram—refiro-me aos principaes elementos combativos—reverem-se satisfeitos na sua obra, que seria patriotica se fosse sincera, e recolherem-se novamente a suas casas e ás suas occupações, limitando-se a prestar o seu concurso—concurso honesto, já se vê—quando fosse reclamado. Vimos essa miseravel odysseia de infames perseguições, de ultrages repugnantes, de assaltos, roubos, assassinatos e outros crimes igualmente abominaveis que ficarão enlameando para sempre a historia de um regimen.

Vimos em toda a sua hediondez essa corja abominavel de facinoras e de bandidos commettendo as mais inqualificaveis proezas a coberto de governos tão facinorosos como elles que lhes permitiam e até louvavam todas as infamias e todos os crimes.

Em plena vigencia da republica nós vimos essa alcateia de feras perigosissimas assassinar em plena rua e em pleno dia com todo o sangue frio e com toda a certeza da impunidade o saudoso Tenente Alberto Soares. Vimos as selvagerias sem nome de que foi victima aquelle pobre preso politico Sabino. Vimos aquelle caso nunca acontecido entre selvagens de voltarem uma carruagem celular onde os presos politicos se apinhavam. Vimos emfim coisas tão horrorosas, que o lembrá-las causa arrepios e tonturas.

E isto em nome de uma republica de paz e amor, do mais sublime ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

Querer envolver o trabalho nesta amalgama de podridão e de crimes, o trabalho honesto, o povo trabalhador que luta pela vida á custa das bagas do seu suor, seria um imperdoavel contrasenso.

Aquillo, essa coisa que hoje formá a *formiga branca*, não é o trabalho, é a corja, a escoria, o rebotalho, o lixo da sociedade.

Mas afastei-me um pouco do assumpto principal d'esta carta que é sobre o socialismo, e como esta já vae longa ficará o resto para outra occasião.

T/c. 16/10/14.

Ramiro Martel

## Bellezas da nossa terra

Uma tarde pelo Selho

Já declinava no horizonte o astro rei: eu e o meu inseparavel amigo Cruz, caminhavamos a passos agigantados pela encosta da estrada, que nos conduz d'esta á cidade de Braga.

Quem nos visse diria que ten-

tavamos atravessar a Serra da Falperra, pela marcha apressada que levavamos.

A penumbra d'aquella tarde, deixava-nos ver, de quando em vez, a rustica Igreja de Selho; e o meu velho companheiro de bigodes kaizerianos, discutia amargamente as ultimas passagens da guerra.

Eu então, sempre em contradição, para mais de perto poder apreciar o alcance intellectual do espirituoso amigo.

Passavamos agora defronte do cemiterio; descobri-me, senti um baque no coração e pensei: quantos heroes lutando em prol da patria encontraram o eterno descanso. — não no cemiterio — mas no campo da batalha, mortos pelas balas inimigas!

Que a posteridade contemple impavida como nós aquelle horrendo quadro.

E o meu amigo José Cruz, com uma vontade antagica de querer continuar a viagem!...

Então eu, animosamente, mostrava-lhe as phases lindas com que a natureza nos dotou.

O azul do espaço, minuto a minuto tornava-se avermelhado.

Depois de descermos uma pequena collina eis-nos juntos d'uma rustica casa coberta com fachos de palha, de onde sahia enorme fumarada. Passa neste momento, um gaiato todo dengoso deleitando-se com um cacho de uvas; abor-damo-nos e pedimos nos fornecesse algumas informações para podermos ver o rio; e alegre, disse-nos onde podiamos colher algumas bellezas do Selho.

Ainda não tinhamos andado cincoenta passos, quando deparamos com uma casita de três metros d'alto, por dois ou três de largura.

Horriavel quadro de miseria!...

Junto á porta semi-cerrada, encontrava-se uma pequenina creança loira, que mal poderia pronunciar o seu nome, cantando, ao mesmo tempo que embalava outra de tenra idade; esta jazia num pequenino berço, ennegrecido pelos annos e carcomido pelo caruncho.

Pela porta do lado fronteiro á estrada, sentado junto a uma banca, um ancião cujas cans bastante compridas, escondiam o rosto d'aquella creatura já bastante quebrada e com falta de força para puxar a linha — era sapateiro.

Na parte interior do mesmo lado, suspendendo uma tijela de toscos barro, estava uma velhinha, aparentando ter noventa annos, a dar de comer a uma creança, que chorava como uma carpideira.

Entristeci... e disse para o meu inseparavel:

Vivem felizes?!...

Obti esta resposta. Talvez...

Quasi me vieram as lagrimas aos olhos.

Depois de termos admirado este tristonho quadro, descemos por umas rochas esguias que nos conduziram ao rio.

Encantadora belleza.

Passamos da margem esquerda para a direita, por sobre uns pequeninos rochedos, cercados de agua clara como o crystal, quando ouvi uma voz dizer:

Olha que *salta pocinhas*!

Era uma gaiata que desejava despertar o nosso coração.

Corei com a piada, mas redobrando de coragem, dirigi-me fazendo-lhe diversas perguntas. A nenhuma respondeu. Corou tambem e, baixando a cabeça franzina, continuou lavando roupa.

Voltamos á esquerda e avistamos dois moinhos que se alimentavam por uma boa presa de agua e que pequenos peixes cortavam em todas as direções. Corriam mais que cruzadores de 25.

Contemplamos então um lindissimo quadro.

A agua deslisava mansamente sobre o leito, fazendo um pequeno murmurio, e junto a um dos moinhos, uma mulher, embora edosa, mas elegante, dobava algodão. Ao ver o rosto senhoril d'aquella

gentil creatura, voltei quinze annos para traz, e disse ao Cruz: Devia ter sido a joia mais linda de Guimarães.

Se não existisse aquelle cabelo ondedado, loiro e luzidio, aquella belleza de rosto esbelto e de uma perfeição inaudita — seria preciso imaginá-la!... Como o tempo nos gasta!...

Voltamos extasiados para traz e caminhamos ao longo do rio durante dez minutos, cortamos a uma pequena cortinha e passamos debaixo de uma grande ramada coberta de lindos cachos...

Leitor amigo, lembrou-me a historia da raposa «Estão verdes».

E francamente, embora com muita vontade, para nós estavam verdes.

Mais adiante, junto a uma eira, dois bois puxavam a uma nóra, enquanto que outros dois abriam enormes sulcos.

Passamos por entre um grosso mato e chegamos emfim á estrada, depois de termos admirado coisas de rara belleza, e que eu, leitor amigo, não posso explicar-te.

Encantador passeio.

Caminhavamos agora de volta a Guimarães pela estrada de Creixomil quando de subito a electricidade começa a diminuir. Calculei logo chegar noite escura a Guimarães.

E assim foi!... apagou-se — é costume. Parece estarmos em aldeia sertaneja, onde em dias de luar não acendem a iluminação para pouparem o petroleo. Mas, caro leitor, naquela noite não podemos sequer admirar a belleza do luar; tropeçando aqui, escorregando acolá, lá viemos para a cidade onde chegamos ao fim de meia hora, ainda sem luz!...

Aquella fabrica de energia é o diabo...

Guimarães, 10 Outubro 1914.

Luiz Teixeira Jacintho.

## Echos da sociedade

Regressou a esta cidade, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> filha e de seu filho o nosso querido amigo snr. Luiz Margaride, o venerando titular e antigo par do reino, snr. Conde de Margaride.

Esteve entre nós, o nosso querido amigo snr. Abade João Candido da Silva.

De Villa de Conde regressou ao Porto, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> Mãe e gentilissima irmã, o distincto academico snr. João Paulo de Sampaio e Mello Mexia (Pombeyro).

De Villa de Conde já regressou a Guimarães o nosso estimado amigo snr. Bernardino Rebello.

Da mesma praia, regressou a Parêdes, o integerrimo juiz d'aquella comarca e nosso presadissimo amigo snr. dr. Albino Augusto da Fonseca Braga.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa e gentis filhas está em Vizella o importante capitalista snr. José Corrêa de Mattos.

Encontra-se em Aveiro, de visita a seus avós, a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Isabel Serra, gentil filha do nosso presado amigo snr. Henrique Costa.

Esteve em Mattosinhos, de visita a sua ex.<sup>ma</sup> familia, o nosso querido amigo snr. José de Pinheiro.

Continua gravemente doente o nosso velho amigo snr. Major Joaquim Pedro Infante.

Regressa por estes dias a Guimarães o nosso querido amigo snr. Padre Abilio Augusto de Passos.



# CASA HIGH-LIFE

E' a melhor casa de modas em Guimarães

130, Praça D. Affonso Henriques, 132-1, Rua 31 de Janeiro, 7

Chapeus e artigos de novidade para senhora e creança  
SALDOS DE VERÃO

Está na Povoia de Varzim a dedicada esposa do nosso amigo e acreditado negociante snr. Antonio Joaquim Gonçalves.

Partiu hontem para a Povoia o distincto advogado e nosso presado amigo snr. dr. Antonio Bastos.

Encontra-se gravemente enfermo o nosso amigo snr. Jeronymo Cardoso Salgado Guimarães. Estimamos as suas melhoras.

Esteve no começo d'esta semana no Porto e na Povoia de Varzim, com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso amigo snr. Virgilio Vieira de Andrade.

## D. Maria Leite de Castro

Tem estado doente, mas felizmente já encontra sensíveis melhoras, a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Maria Rita Sampaio Leite de Castro, virtuosa esposa do nosso illustre amigo snr. Domingos Leite de Castro e mãe dedicadissima do tambem nosso querido amigo snr. Antonio Leite de Castro.

Muito folgamos em noticiar no proximo numero o completo restabelecimento da illustre enferma, cujas melhoras ardentemente desejamos.

## «O Thalassa»

Continua a fita das apprehensões. Coube agora a vez ao nosso distincto confrade da capital o Thalassa a quem as auctoridades da republica mimosearam tambem com uma busca que não den os resultados que elles esperavam.

Cumprimentamos affectuosamente o nosso illustre collega e felicitamo-lo porque pertencemos ao numero dos que acreditam que em Portugal só a imprensa seria e honesta é que merece a perseguição d'essa gente que nos governa.

## Collegio de Nossa Senhora da Conceição

Reabriu ha dias este importante e sympathico estabelecimento de educação para meninas, que ha muitos anos vem honrando esta cidade.

A educação ali ministrada é na verdade modelar, como o attestam tantas gerações de educandas que por lá passaram. O ensino é tambem, sob todos os aspectos, o mais completo e esmerado possivel, como ainda no anno lectivo transacto o confirmou a brilhante exposição de trabalhos que a todos os vimaranenses foi dado admirar.

A Mesa da Irmandade dos Santos Passos, administradora deste Collegio, tem sido incançavel nos seus melhoramentos, na ansia de fazer prosperar com a ajuda da sua receita o sympathico Asylo de Mendicidade que lhe está annexo, e onde trinta pobrezinhos de ambos os sexos estão albergados. Ainda este anno foi contractada uma distincta professora, para o ensino de varias artes modernas, tão apreciadas e introduzidas nos grandes Collegios, taes como: bordados a ouro, matiz, escama, prata, retalho, applicação, em peluche e em couro; photominiatura, photopintura, pirogravura, pintura oriental, metallica, esfumada, a oleo e á penna; trabalhos de Veneza, das ilhas, allemaes e inglezes, etc.

Eis, numa palavra, uma excelente casa de educação, bem digna por todos os motivos das sympathias dos vimaranenses e dos paes de familia em geral.

## Typographos

Na Typographia Minerva Vimaranense admittem-se typographos e apprendizes.

## Moreira d'Almeida

Tem andado em digressão pelo norte, o eminente director do nosso brilhantissimo collega da capital «O Dia» e nosso querido amigo snr. José Augusto Moreira d'Almeida, a quem os «Echos de Guimarães» mais uma vez tributam a sua consideração, prestando incondicional admiração ao patriotico character do honradissimo jornalista, que tantos e tão valiosos serviços tem prestado á Patria e á Causa Monarchica.

## Festividade

No proximo domingo realisa-se na parochial de S. Lourenço de Sande, uma imponente festividade em honra do Santissimo Sacramento. Constará de missa solemne a grande instrumental e de tarde, «Te Deum», e sermão pelo illustre orador sagrado snr. Abbade Moreira Leite, sahindo no fim uma magestosa procissão, em que se incorporarão as irmandades de S. Lourenço e freguezias circumvisinhas.

## Theatro D. Affonso Henriques

Foi muito concorrido o espectáculo de variedades que hontem se realisou neste theatro, com o debute da companhia de animaes que se acha entre nós, sob a direcção do cidadão italiano Giuseppe Spinetto.

Hoje e amanhã effectuam-se pela mesma companhia novos espectaculos com programmas diferentes.

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Tendo terminado com o n.º 26 o primeiro semestre de publicação do nosso semanario, rogamos a todos os snrs. assignantes que ainda o não pagaram a fineza de o fazerem logo que para isso tenham oportunidade.

O que agradece a  
Empreza.

## AGUAS DE MELGAÇO —E— VIDAGO

Manoel José de Carvalho, antigo depositario d'estas afamadas aguas, previne o publico de que continua a receber directamente estas aguas sempre frescas.

Grandes descontos aos snrs. revendedores e particulares.

Especial chouriço e azeitonas d'Elvas.

Paio Galvão — Guimarães.

## Annuncio

Editos de 6 mezes e 60 dias

(2.ª Publicação)

No Juizo de Direito d'esta comarca de Guimarães e cartorio do escrivão do segundo officio abaixo assignado, pende um processo de justificação e habilitação, em que é requerente José Pereira Fernandes, viuvo, proprietario, do logar do Penedo, freguezia de Santa Maria d'Airão, d'esta comarca, e requerido seu filho Avelino Pereira Fernandes, solteiro, ausente ha mais de vinte annos nos Estados Unidos do Brazil, sem noticias, afim de lhe serem entregues as legitimas que ao mencionado ausente pertenceram nos inventarios por fallecimento de sua mãe e avô, e por isso, pelos presentes editos de seis mezes é citado o referido ausente Avelino Pereira Fernandes, para no praso dos editos se fazer representar no referido processo, com as cominações legaes, caso o não faça; e, pelos presentes editos de sessenta dias são citados todos os interessados incertos para deduzirem os direitos que tiverem ás legitimas do dito ausente. O praso dos editos principiará a contar-se depois da 2.ª e ultima publicação do respectivo annuncio, e a citação dos incertos será accusada na 2.ª audiencia depois de findo o praso dos mesmos editos.

As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dia feriado, sempre pelas dez horas no Tribunal Judicial, sito á rua do Gravador Molarinho, d'esta cidade. Guimarães, 8 d'Outubro de 1914.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

José Rodrigues dos Santos.

O escrivão,

Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

O maior exito em livreria

Uma Pendencia Celebre

POR

Antonio José d'Almeida

E' posto á venda o 4.º MILHAR. Preço 100 réis.

Pedidos á Livreria Ventura Abrantes—80, Rua do Alecrim, 82—LISBOA.

## Editos de 30 dias

(2.ª Publicação)

No tribunal commercial d'esta comarca, cartorio do escrivão privativo abaixo assignado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar da ultima publicação d'este annuncio, citando e chamando não só os credores incertos de Antonio d'Araujo Salgado, negociante, d'esta cidade, mas tambem os credores certos Valle Irmãos & C.ª, J. Fernandes Carvalho & Gastalho, Julio Duarte de Souza & C.ª, J. T. Santos Silva, Manoel Joaquim de Lima & Filhos, Costa & C.ª, Domingos Julio da Silva, todos estes da cidade do Porto, A. Marianno & Irmãos, Domingos R. Pablo, Dias & Dias, Fernandes & Martins Limitada, Amaral Nevoa & Botica, Brandão Cunha & C.ª, Santos Mattos & C.ª, Banco Lisboa & Açores, todos estes da cidade de Lisboa, e Bernard Martin, de Elberfeld, da Allemanha, para no praso de cinco dias, posteriores aos trinta dos editos, deduzirem por embargos o que considerarem de seu direito contra a concordata offerecida pelo dito Antonio d'Araujo Salgado aos seus credores, consistente no pagamento, sem juros, de cincoenta por cento dos seus creditos, em quatro prestações iguaes, a seis, doze, dezoito e vinte e quatro mezes, a contar da homologação da concordata.

Guimarães, 14 d'agosto de 1914.

O escrivão privativo,

João Joaquim Oliveira Bastos.

Verifiquei.

Moreira Sampaio.

## SOLICITADOR

J. Pimenta

Largo de S. Tiago n.ºs 31, 32 e 33

## Muito util

Num amplo e hygienico predio da rua dos Biscainhos n.º 57, em Braga, na redacção do «Braçarense», acceitam-se acadêmicos, empregados no commercio, funcionarios, etc., por preços módicos.

E' realmente uma casa de pensão muito bem montada.

## NOTICIARIO

### Exequias

Com grande imponencia e extraordinario brilho, celebraram se ante-hontem no I. R. templo de Nossa Senhora da Oliveira, solemnes exequias, suffragando a alma do venerando Pontifice Sua Santidade Pio X.

O templo apresentava uma luxuosa ornamentação, levantando-se ao centro um elegante catafalco, que ostentava as insignias pontificias.

Presidiu ás ceremonias religiosas e celebrou a missa o illustre arcypriste d'este julgado snr. dr. Conego Manuel Moreira Junior, acolytado pelos dignos e virtuosos ecclesiasticos snrs. Abbade de Vila Nova de Sande e Prior de São Sebastião. Os officios foram cantados por 120 ecclesiasticos.

A parte coral foi magistralmente desempenhada por alguns distinctos professores, tendo resultado imponente.

O elogio funebre foi confiado ao distincto orador snr. Padre José Lopes Leite de Faria, que se houve eloquentemente.

Por espaço de uma hora o erudito orador teve o numeroso auditorio suspenso da sua palavra elegante e facillissima, tendo no seu modelar discurso, rasgos de verdadeira e unica eloquencia.

Depois de descrever em breves traços a vida do immortal Pontifice, o orador faz o seu panegyrico como Chefe da Igreja, descrevendo a sua obra, sempre em proveito da Religião e da Humanidade.

Mas não cabe a um jornal pequeno como o nosso descrever o que foi aquella soberba oração. Apenas diremos que cabalmente satisfiz, vindo mais uma vez confirmar os vastos conhecimentos de Sua Ex.<sup>a</sup>, a quem affectuosamente cumprimentamos, juntando assim as nossas saudações ás de muitos cavalheiros que na sacristia testemunharam ao illustre orador a sua admiração pelo seu trabalho intelligente e bem cuidado.

Nas exequias fizeram-se representar os nossos illustres collegas «Dia», «Nação», «Diario de Noticias», «Echos do Minho», «Commercio de Guimarães» e o nosso modesto semanario, que ante a immortal memoria do grande e venerando Pontifice se curva reverentemente.



LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa à

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Eserville, accomodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.<sup>o</sup>. Em brochura . . . . . 50 réis. Cartonado . . . . . 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.<sup>o</sup>. Em brochura . . . . . 50 réis. Cartonado . . . . . 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accomodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.<sup>o</sup>. Em brochura . . . . . 100 réis. Cartonado . . . . . 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides à Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.<sup>o</sup>—2.<sup>a</sup> edição. Avulso, franco de porte. . . . . 30 réis

Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço . . . . . 20 réis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares . . . . . 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes Refutação documentada dos erros committidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha. PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 reis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)



Benjamim de Mattos

Toural, 105—Guimarães

Estabelecimento de Modas, Confecções, Malhas, Fazendas brancas, Perfumarias, Pa- peis pintados para forrar casas, Serpentinhas, Confetti, Machinas de costura, Bycicletas, Motos e seus accessorios.

Especialidade em pannos brancos, borda- dos, guarnições, echarpes de seda, jerseys, chales, guarda-soes de seda, setim, etc.

Sempre grande sortido em tecidos de lã para luto e guarnições proprias.

E' a casa que mais sortido tem e que mais barato vende.

Vende tudo mais moderno, melhor e mais barato

Vendas só a dinheiro. Não se vende a credito

EM DEPOSITO: bycicletas das marcas Derby, Spring, Tagus, E. G. A., Dixi, Meteor, Royal, Radna, etc., e motos Judian, modelos 1914.

Tambem vende bycicletas das marcas Si- rius, Premier e Rudge, e motos de diversas marcas.

Sempre bycicletas e motos com pouco uso, que vende por preços baratissimos.

ALUGAM-SE BYCICLETAS, TRENS E AUTOMOVEIS

Pede-se aos Ex.<sup>mos</sup> freguezes para verificarem sempre o peso do carvão em suas casas.

CARVÃO COKE

Grande reduccão de preços

Por cada 900 kilos (um carro) entregue no domicilio 13\$500 réis.

Por cada 15 kilos (uma arroba) 230 réis

PESO GARANTIDO

VENDE-SE NESTA CIDADE

Rua do Dr. Bento Cardoso (em frente à igreja das Dominicás)

EM CASA DE

Fernando d'Almeida

PHOTOGRAPHIA MODERNA

— Rua de S. Damaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada photographia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos photographicos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, saes de prata, etc. Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer photographia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiraveis retratos reclame, a 400 réis a meia duzia.

Bellas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia duzia.

Postaes photographicos, a 900 réis a duzia.

Ampliações inalteraveis de 50 centime- tros, a 1\$500 réis.

Esta photographia possui um excellente material, o que ha de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a maxima perfeição, operando com to- do o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem augmento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o unico com quem ninguem pode competir em preços e perfeição. (4)

COLLEGIO DE SANTA MARIA

(EDUCAÇÃO DE MENINAS)

Palacete da Madrôa—GUIMARÃES

INTERNATO, semi-internato e exter- nato. Optima alimentação. Professorado escolhido. Educação moral, litteraria, ar- tística, physica e domestica.

Local hygienico, com grande cêrca para recreios e jogos.

Envia programmas a directora

Maria de Souza Barros.

Liquidadora Vimaranesse

ESCRITORIO

89, Passeio da Independencia, 91

Esta empreza vae iniciar no proximo mez de Abril, por meio de leilões semanaes, a venda de todos os objectos que lhe sejam enviados, taes como mobiliarios, roupas, fazendas de estabele- cimentos ou fabricas, mediante uma pequena commissão. Na casa GERVASIO, com estabeleci- mento de ferragens e outros artigos, effectuam- se seguros de vida, accidentes de trabalho, ma- ritimos-postaes e contra fogo. (14)

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno . . . . .	1\$800 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Estados U. do Brazil (anno) .	2\$000 "
Faizes da União Postal . . .	2\$500 "
Numero avulso . . . . .	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um . . . . .	100 "
Annunciam-se as publicações que o mere- cam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assi- gnantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num ele- gante opusculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesse E. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

I Anno

SEMANARIO MONARCHICO

Num. 32

Ex.<sup>mo</sup> Snr.